



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE HUMANIDADES  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

**ELIZÂNGELA DA SILVA RAMALHO**

**RAP NACIONAL NAS AULAS DE HISTÓRIA: CONTRIBUIÇÕES PARA O  
PROCESSO DE FORMAÇÃO DE IDENTIDADE DE JOVENS**

**GUARABIRA-PB, MARÇO DE 2022**

**ELIZÂNGELA DA SILVA RAMALHO**

**RAP NACIONAL NAS AULAS DE HISTÓRIA: CONTRIBUIÇÕES PARA O  
PROCESSO DE FORMAÇÃO DE IDENTIDADE DE JOVENS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a coordenação do Curso de História da Universidade Estadual da Paraíba, campus Guarabira, como requisito parcial à obtenção do título de licenciatura plena em História, sob orientação da professora Luciana Calissi.

**Área de concentração:** História, ensino e currículo.

**GUARABIRA-PB, MARÇO DE 2022**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

R166r Ramalho, Elizangela da Silva.

Rap nacional nas aulas de história [manuscrito] : contribuições para o processo de formação de identidade de jovens / Elizangela da Silva Ramalho. - 2022.  
25 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2022.

"Orientação : Profa. Dra. Luciana Calissi, Coordenação do Curso de História - CH."

1. Ensino de História. 2. Rap. 3. Identidade de jovens. 4. Construção histórica. I. Título

21. ed. CDD 372.19

**ELIZÂNGELA DA SILVA RAMALHO**

**RAP NACIONAL NAS AULAS DE HISTÓRIA: CONTRIBUIÇÕES PARA O  
PROCESSO DE FORMAÇÃO DE IDENTIDADE DE JOVENS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a coordenação do Curso de História da Universidade Estadual da Paraíba, campus Guarabira, como requisito parcial à obtenção do título de licenciatura plena em História, sob orientação da professora Luciana Calissi.

**Área de concentração:** História, ensino e Currículo

Trabalho apresentado e aprovado no dia 29/03/2022.

**BANCA EXAMINADORA**




---

Profa. Dra. Luciana Calissi - Orientadora  
(Universidade Estadual da Paraíba/DH)



---

Prof. Prof. Dr. João Batista Gonçalves Bueno.  
(Universidade Estadual da Paraíba/DH)



---

Prof. Prof. Dr. Waldeci Ferreira Chagas  
(Universidade Estadual da Paraíba/DH)

*É mais do que fazer barulho e ver retomar o que é  
nosso por direito/ Por eles continuávamos mudos,  
quem dirá fazer história por livro feito. (EMICIDA  
et al., 2015, faixa 12).*

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>8</b>
<b>2</b>	<b>O RAP COMO MOVIMENTO CULTURAL .....</b>	<b>10</b>
<b>3</b>	<b>UMA BREVE HISTÓRIA SOBRE O ENSINO DE HISTÓRIA NO BRASIL .</b>	<b>12</b>
<b>4</b>	<b>A MÚSICA COMO FONTE E INSTRUMENTO METODOLÓGICO .....</b>	<b>14</b>
4.1	O RAP COMO INSTRUMENTO METODOLÓGICO .....	14
<b>5</b>	<b>REFLEXOS DA ESCRAVIZAÇÃO CANTADAS POR EMICIDA .....</b>	<b>16</b>
5.1	CONTRUINDO UMA AULA MUSICADA .....	19
<b>6</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>22</b>
<b>7</b>	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>23</b>

## RAP NACIONAL NAS AULAS DE HISTÓRIA: CONTRIBUIÇÕES PARA O PROCESSO DE FORMAÇÃO DE IDENTIDADE DE JOVENS

Elizângela da Silva Ramalho<sup>1</sup>

### RESUMO

O presente estudo tem como objetivo apresentar uma proposta de uma aula não tradicional de História, para aulas no Ensino Básico, que possa instigar conhecimento significativo para os alunos, para construção/valorização de identidade de jovens. Usando o estilo musical rap, pensando-o como fonte histórica e instrumento metodológico para se pensar assuntos importantes da disciplina de História, nesta proposta uso a música *Boa Esperança*, do rapper Emicida, e proponho uma leitura da música que possa construir narrativas acerca da obrigatoriedade da lei 10.639/003 no currículo escolar. A pesquisa baseia-se no fato do alcance popular do estilo musical entre os jovens das escolas públicas - em sua maioria, pretos, pobres e periféricos- e o gosto e identificação pessoal pelo estilo. As principais conclusões mostram que esse Rap tem o potencial de ser um recurso metodológico facilitador no processo de ensino-aprendizagem e pode aproximar o aluno a sua realidade, trazendo significações aos conteúdos estudados e sua vivência. Mediado pelo professor, proponho o uso da música para ensinar e aprender História e a valorizar a vida e cultura afro-brasileiras e africanas, abordando conteúdos que criam narrativas acerca desse conteúdo.

**Palavras-chave:** Ensino de História. Rap. Identidade de jovens. Construção histórica.

### ABSTRACT

The present research aims to present a proposal for a non-traditional History class, for classes in Basic Education, that can instigate significant knowledge for students, for the construction/valorization of the identity of young people. Using the rap musical style, thinking of it as a historical source and methodological instrument to think about important subjects in the discipline of History, in this study is analyzed the song *Boa Esperança*, by the rapper Emicida and, I propose a reading of the track that can build narratives about the obligation of the law 10.639/003 in the school curriculum. The research is based on the trendy reach of the musical style among young people in public schools - most of them black, poor, and peripheral - and the personal taste for the rhythm. The main conclusions show that Rap can be a methodological resource that facilitates the teaching-learning process that brings students closer to their reality, bringing meanings to the studied contents and their experience. Mediated by the teacher, I propose using music to teach and learn History and Afro-Brazilian and African culture, approaching contents that create narratives about this content.

**Keywords:** Teaching History. Rap. Youth identity. Historic building.

---

<sup>1</sup> Graduanda do curso Licenciatura plena em História na Universidade Estadual da Paraíba- CAMPUS III Bolsista do PIBID 2018/2020 e Residente Pedagógica 2020/2022. [elizangela.ramalho@gmail.com](mailto:elizangela.ramalho@gmail.com)

## 1 INTRODUÇÃO

A proposta central do presente trabalho é mostrar que o Rap é um estilo musical que se popularizou pelas camadas mais jovens, em especial as pobres e periféricas, pois essas parecem se identificar com ele, uma vez que expressam muito sua realidade. O Rap como movimento, têm vários tipos de subgêneros<sup>2</sup>. O Rap aqui considerado pode ser chamado de Rap consciente, aquele que abrange o Rap político- Baseado em temas de protestos contra o governo e seus erros, e Consciência do rap- Ele transmite mensagens positivas para os problemas sociais do dia a dia.

Esse tipo de expressão musical pode nos levar a pensa-la como fonte histórica e instrumento metodológico para se trabalhar assuntos importantes em sala de aula. Parte-se da ideia que essas produções podem ser instrumentos didáticos-metodológicos possibilitando debates como de classe, raça, gênero e sexualidade, política, entre outros. Neste sentido, transforma-se em um veículo modificador das aulas tradicionais de história, desde que não sejam utilizadas apenas como entretenimento ou como exemplo da expressão artística ilustrativa.

A proposição é que o RAP, ao ser usado como material pedagógico nas aulas de história, pode aproximar o aluno de temas/discussões históricas propostas, uma vez que as letras e melodias desse tipo de música, se referem a estudantes, em sua maioria, negros e periféricos, de situações cotidianas vivenciadas nas periferias das cidades brasileiras, e assim contribuir para a construção/valorização de identidades desses jovens. Neste sentido a ideia aqui é pensar aulas para/na escola pública do Ensino Básico.

Essa ideia, surgiu a partir de observações do tipo de música que mais se ouve no lugar onde estou inserida, a periferia; e das percepções sobre a linguagem e as mensagens desse estilo que são muitas vezes diretas, dialogando com as experiências de nós jovens dessas comunidades. A partir de minha vivência, e também como futura professora de História, busquei meios referentes a utilização do Rap em sala de aula, considerando a presença desse estilo de música na vida da maioria desses jovens que frequentam as escolas públicas, essas músicas carregadas de sentidos e sentimentos, criadas a partir de narrativas de vivências podem ser um ótimo veículo facilitador para o desenvolvimento crítico dos alunos em sala de aula.

Minhas experiências no PIBID entre o período de 2018/2020 em escolas públicas estaduais do fundamental I e II nas cidades de Araçagi, Itapororoca e Guarabira e também como Residente Pedagógica 2020/2022 onde atuo na cidade de Guarabira, me permitiram construir possibilidades metodológicas para trabalhar os assuntos em sala de aula de uma forma que aproxime o aluno ao conteúdo estudado. Durante esses quatro anos como bolsista dos projetos, pude compartilhar diversas práticas que me auxiliaram a construir esse trabalho, buscando um ensino de história instigante e que tenha sentido para o aluno e que assim ele possa vir a desenvolver um pensamento crítico da realidade e gosto pela disciplina de História.

O interesse em explorar as letras de rap como fonte, partem do meu gosto e apreço pelo estilo. Como pobre, preta e periférica, esse tipo de música com discursos fortes sempre me representou; supondo que quem as ouve também se sinta representado, surgiu o interesse em transforma-los em fontes para trabalhar o ensino de história e assim aproximá-los dos conteúdos estudados com suas vivências.

Partindo das concepções de Marcos Napolitano, sobre a música, que por muito tempo tem sido uma tradutora dos nossos dilemas nacionais e veículos de nossas utopias sociais (NAPOLITANO, 2002, p.7), e sendo o Brasil um dos maiores produtores sonoros do mundo, proponho aqui, uma utilização desse recurso, a música, em especial o Rap, como técnica

---

<sup>2</sup> Existem diversas formas de articular a rima poética do Rap, cada rapper adota uma temática, dentre eles podemos encontrar o estilo alternativo, que combinam vários ritmos ao mesmo tempo, Karol Conká, Projota; o consciente, temos Gabriel pensador, racionais MC's, Emicida; o Boom Bap, temos Haikaiss, como exemplo; Funk Melody, com Felipe Ret; O subgênero MPB, como o Criolo; e gospel, o Pregador Luo. São mais de 50 subgêneros atualmente.



teórico-metodológicas no ensino de História. O objetivo principal desse trabalho, portanto, é apresentar uma proposta para a utilização desse recurso didático, demonstrando um caminho que pode ser indicador de possibilidades didáticas.

Inicialmente farei uma breve apresentação sobre a história do Rap baseado nas pesquisas do Bráulio Roberto de Castro Loureiro e uma breve história sobre o ensino de História no Brasil a partir das considerações da Lúcia Alves Teixeira Silva sobre a necessidade de reinvenção do ensino de história com metodologias que possam desenvolver práticas libertadoras no processo ensino-aprendizagem, “Daí a necessidade que se trabalhe conteúdos pensados, articulados e selecionados de modo que sejam significativos para um público que na maioria das escolas brasileiras, advém de diferentes condições sociais e culturais.” (SILVA, 2021, p.30).

Em seguida, falarei sobre como a música pode ser usada como fonte para as aulas de História, baseada nas pesquisas da Eliane Cristina Brito de Oliveira, como um instrumento metodológico que visa o desenvolvimento/valorização dos alunos e de sua história e cultura, e a missão de desenvolver um ensino instigante que desperte o interesse dos alunos pela disciplina.

Com os apontamentos do Abramovay sobre o papel fundamental que a escola tem na vida dos jovens e da necessidade de um ensino instigante que aproxime o aluno de sua realidade, falarei sobre o Rap como instrumento metodológico com sua grande capacidade de alcance e pelo fato de estar inserido no cotidiano da maioria dos jovens das escolas públicas do Brasil, um grande aliado sendo usado como fonte nas aulas de História. Nesse momento, proponho uma análise da música do rapper Emicida, *Boa Esperança*, como recurso metodológico, ao pensá-la como expressão cultural que nos ajuda a pensar o passado a partir do presente. E a partir disso pensá-la em um possível planejamento de uma aula expositiva-dialogada para o Ensino Médio.

Em seguida, trarei uma proposta, como futura professora de História, de como poderia trabalhar esta música em uma aula de História que possibilite diferentes diálogos entre os alunos e a compreensão do conteúdo. Usando de a obrigatoriedade das escolas da atenção básica incluam a lei 10.639/003 no currículo escolar, buscarei métodos lúdicos que aproximam os alunos desses conteúdos, assim como de sua realidade, para isso usaremos o planejamento do Martinho Guedes dos Santos Neto e as considerações do Professor Waldeci Ferreira Chagas, mostrando o que deve ser percebido em uma aula com esse tema.

Por último, trago minhas considerações a respeito do uso desse método didático e os resultados obtidos através desse recurso.

## 2 O RAP COMO MOVIMENTO CULTURAL

A expressão **RAP** origina-se da língua inglesa, e tem sentido de *Rhythm And Poetry* – que em sua tradução significa ritmo e poesia. Este estilo tem essa denominação porque mescla um ritmo intenso com rimas poéticas que integram o cenário cultural conhecido como o Hip Hop. Nascido na Jamaica, ganhava vida nas festas de ruas e guetos do país, onde várias pessoas começaram a reunir-se para levar música e diversão às comunidades. Com o passar dos anos o RAP junto ao movimento HIP-HOP, ganhou novos cenários, se expandiu nos EUA e se transformou em produto comercializável entre os norte-americanos. O Rap começou a ganhar força entre as classes pobres dos EUA, em especial entre os afro-americanos e os hispânicos, que já desejavam uma sonoridade que traduzisse seu cotidiano e sua cultura, no início dos anos 70.

Ele se firmou como ritmo musical no início dos anos 80 e consiste na arte de cantar falando rimas embaladas pela animação do MC<sup>3</sup>, que de início tinha apenas alguns momentos de intervenções, e durante essas manifestações continham vários apontamentos com diversos temas do cotidiano como das desigualdades sociais, de violência, racismo e uso de droga e questões afins. As festas de RAP embalavam espaços coletivos e de sentimentos diversos e comuns.

No Brasil o rap desenvolveu-se em meados da década de 80 ganhando força entre as maiores cidades do país. Aqui o estilo diferenciou-se do rap estadunidense, com uma mistura de ritmos brasileiros como o samba, rock e a embolada, entre outros, onde deram um estilo próprio ao Rap nacional, que também se diferenciou do Estadunidense no aspecto comercial, onde o rap brasileiro se concentrou em dá voz ao menos favorecidos através da música. São Paulo foi um dos estados que se destacou com os primeiros discos lançados, precursores das primeiras gravações de rap em 1988. No final dos anos 80, a cultura HIP-HOP passa a fazer parte do cotidiano dos jovens brasileiros principalmente os afrodescendentes das grandes capitais a partir da difusão do Break<sup>4</sup>, e aos poucos, surgem os primeiros grupos de RAP brasileiro, Thaíde e DJ Hum são alguns dos precursores das primeiras gravações. Contudo, as danças emúsicas desse movimento político/cultural, com maior predominância negra e periférica entre os admiradores/as, também já se construía em outras regiões.

Desde suas primeiras canções lançadas, o rap brasileiro apresenta composições que fazem críticas sociais, de conscientização política, denuncia de casos de abusos de poder, violência produzidas por várias instituições que agem em nome do Estado brasileiro, fortes críticas contra esse Estado, as igrejas, a família, podem ser facilmente ouvidas entre as rimas que embalam este ritmo. A falta de assistência, comida, moradia, saneamento básico, educação, emprego e até o abuso das autoridades policiais também são temas que fazem parte da maioria de suas composições. Mas não são só as críticas que podem ser extraídas deste tipo de conteúdo, a linguagem e os exemplos cotidianos trazidos em suas letras, refletem a realidade e vivências de muitas das pessoas que os ouvem. Tal característica pode apresentar ou estimular o/a ouvinte a refletir sobre situações, informações e atitudes formando um pensamento autocrítico e social a respeito de sua realidade. A questão é que embora o Rap tenha se popularizado como acessório de animação, seu poder questionador predomina-se:

[...] a noção final é que, a despeito da “radicalização” de sua face hegemônica, o rap ainda preserva força e potencial questionador. Um entendimento que atravessa o livro de Toperman é o de que o rap é, ao mesmo tempo, música e mais que música.

<sup>3</sup> O MC ou mestre de cerimônias é um apresentador, que conduz um evento, animando os convidados do início ao fim da festa. Na Jamaica, era ele o mediador das festas de som forte onde surgiu o RAP. Essa cultura ao chegar nos EUA se adaptou e passou a denominar os contares de RAP como MC's.

<sup>4</sup> Break ou breakdance significa dança de rua e é um dos elementos fundamentais do movimento hip-hop. Suas coreografias exigem bastante preparo físico, com movimentos com as mãos no chão, corpo no ar, giros e rodopios. Ela tem como elementos o RAP, o grafite e outros elementos da cultura hip-hop.

Concebida não apenas como objeto estético restrito a elementos internos, mas percebida no âmbito de sua existência social, a música, reforça o autor, sempre “está no mundo”, modificando a realidade e sendo modificada por ela. (LOUREIRO, 2016, p. 240).

Estas observações nos indicam as possibilidades de utilizá-lo como recurso no processo de ensino-aprendizagem, e em especial no ensino de História. O estudo da História no ensino Básico nos traz muitos desafios como futuros professores, é preciso perceber como esse ensino costuma se dar, quais as possibilidades de mudanças no sentido do ensino desta disciplina. Um dos maiores desafios é transformá-lo em um ensino significativo e próximo aos alunos. Acredito que a proposta aqui apresentada possa contribuir com essa jornada.

### 3 UMA BREVE HISTÓRIA SOBRE O ENSINO DE HISTÓRIA NO BRASIL

O ensino de história passou por várias transformações ao longo do tempo; iniciou-se como um ensino “positivista” com práticas escolares de incentivo a patriotismos e “decorebas”; uma ciência ensinada por séculos que seguiu práticas tradicionais. Porém, ao longo de nossa história, houve mudanças significativas quanto a essa perspectiva, e essas mudanças geraram diferentes e novas propostas para esse ensino. Mais atualmente, a principal discussão dá em torno do chamado ensino significativo em História, para Silva:

No ensino de História, cada aluno, precisa se perceber como um agente histórico, a fim de que pratique reflexão da própria vida, na escola e para além dela, pois esta disciplina produz um conhecimento fundamental para a vida do sujeito enquanto indivíduo, eminentemente, participativo do processo histórico. (SILVA, 2021, p. 32)

Essas transformações trouxeram a necessidade de que o aluno seja participante de sua própria aprendizagem. Surge então a necessidade de utilizar novos métodos e inovar a relação de ensino-aprendizagem:

Para ensinar História, na atualidade, há necessidade de fazer mudança quanto às metodologias/técnicas para proporcionar meios/recursos que o estudante ao ler a História tenha uma ação crítico-reflexiva na aquisição dos saberes num “que - fazer” por prazer, por sentir-se bem. (SILVA, 2021, p. 29)

Por isso se faz necessário que os “velhos hábitos” em sala de aula sejam esquecidos ou melhorados, para que se possa criar novas possibilidades de ensino-aprendizagem. Segundo Silva:

Essa prática de ensino pautado numa História tradicional conhecida por muitos, gerou em grande parte dos estudantes, um distanciamento e indiferença ao ensino de História, pautado no senso comum de que a disciplina só trata de “coisas antigas” e que “não tem nada a ver” com o nosso dia a dia. (SILVA, p.31,2021)

Neste contexto de envolver o aprendiz no processo de ensino-aprendizagem, o uso da música nas aulas de história surge como um método não convencional de abordar conteúdo de grande importância para formação desses jovens; para NAPOLITANO, “a música tem sido, ao menos em boa parte do século XX, a tradutora dos nossos dilemas nacionais e veículos de nossas utopias”. (2002, p.7), sendo assim uma grande aliada para compreensão da realidade. “Mas além de ser veículo para uma boa ideia, a canção (e a música popular como um todo) também ajuda a pensar a sociedade e a história. A música não é apenas “boa para ouvir”, mas também “Boa para pensar”. (NAPOLITANO, 2002, p.11).

Com tudo isso não podemos deixar de mencionar o papel do professor nessas mudanças necessárias, e a necessidade de refletir sobre a formação dos profissionais de história e o seu cotidiano em sala de aula, diante de desafios e da necessidade de formação continuada para que eles possam trazer possibilidades inovadoras para a sala de aula.

O aprendiz precisa adquirir suas ferramentas de produção de conhecimento, enquanto ao professor, mediante o ensino de História, cabe dar condições ao aluno de instigar a levantar problemas, estimulando-o a reintegrá-lo num conjunto mais amplo de outros problemas. (SILVA, 2021, p.32).

Assim acredito que o uso do Rap nesse contexto, em especial, é pela maneira como o estilo se aproxima da vivência da maioria dos jovens que frequentam as escolas públicas do nosso Brasil; e por isso ele vem sendo cada vez mais utilizado como recurso didático, sendo valorizado como um grande instrumento pedagógico. A sua utilização pode indicar algum caminho para fazer dos conteúdos de História, conteúdos que façam sentido para os alunos e se

tornem de fato importantes para sua vida. Com a popularização do ritmo, há uma grande quantidade de rappers brasileiros que podem ser encontrados em uma simples pesquisa no google, mas nem todas as letras poderão ser utilizadas como fontes, pois devemos levar em consideração que são obras artísticas feitas principalmente para comercialização e divertimento. Então, é preciso pensar como a música pode ser um recurso didático e como fazê-lo.

## 4 A MÚSICA COMO FONTE E INSTRUMENTO METODOLÓGICO

A música como fonte histórica é sempre uma narrativa que nos informa sobre uma certa sociedade e sua visão de mundo. Assim, o RAP é fonte privilegiada de veiculação e representações sociais que precisa ser problematizada devido ao seu largo alcance na sociedade contemporânea junto à juventude, sobretudo negra e da periferia. Entretanto, nenhum gênero musical é um registro fiel da realidade ou encerra a verdade histórica. A pesquisa seguirá o caminho de compreensão do RAP como representação do real, construção e reconstrução do passado e lugar de memória e identidade que se cruzam no discurso musical, constituindo-se em um manancial inesgotável para o estudo de inúmeros aspectos do processo histórico, considerando as especificidades da indústria da música, da sua linguagem e liberdades interpretativas e poéticas. (OLIVEIRA, 2017, p. 46)

Dentro do múltiplo e diversificado campo de perspectivas sobre o ensino de história, há um debate que está sempre presente: o grande desafio de apresentar um ensino instigante e valorizado pelos estudantes. Diante disso, o rap nas aulas de história surge como possibilidade de fugir desse método monótono e ainda analisar vários assuntos, como já mencionados anteriormente, que são abordados em suas melodias, como cultura afro-brasileira, racismo, violência, política e sociedade, entre outros temas que podem ser explorados.

### 4.1 O RAP COMO INSTRUMENTO METODOLÓGICO

Não podendo deixar de levar em consideração o papel que a escola tem na vida dos jovens, ela realiza a função de democratizar o acesso ao conhecimento e promover uma construção moral e ética na vida dos cidadãos. Possui ainda um papel fundamental na sociedade, com a tarefa de encaminhar ações por meio de processos educativos que busque despertar o compromisso social dos indivíduos, das entidades e dos grupos sociais. Tem ainda a capacidade de promover mudanças e transformações no processo educacional, na preparação e formação de alunos que sejam portadores de uma visão de um mundo reinventado, através da criticidade e da participação.

Assim, a escola surge como um espaço que pode contribuir para a construção de uma identidade para o jovem, e ao mesmo tempo de um lugar de pluralidade. “A escola é um espaço de diversidade. Portanto, nela se encontram diferentes culturas – com as consequentes possibilidades de diálogo, mas também de conflitos.” (ABRAMOVAY et al;2015; p.30). Nesse sentido perceber-se como ser social, é não só compreender a pluralidade sociocultural, como aprender a lidar com as diferenças e diferentes conflitos que fazem parte desse espaço educacional. É perceber que os conflitos são de diferentes matizes e dimensões e, nesse sentido, a linguagem que utilizamos e as problematizações que levantamos e discutimos, devem ser pensadas nessa perspectiva.

Nestas circunstâncias, o professor tem a função facilitador de aproximar suas aulas a vivência desses alunos, com aulas significativas que aproxime a escola a vida pessoal do aluno. É nessa conjuntura que esse tipo RAP aqui considerado se insere e pode ser utilizado nas aulas de história pelo fato da aproximação de seu conteúdo/problematização com a vida da maioria desses jovens, em suma, pretos, pobres e periféricos.

A partir dessas considerações, proponho o uso da música BOA ESPERANÇA<sup>5</sup>, do rapper Emicida<sup>6</sup>, como instrumento didático norteador para uma aula histórica, possibilitando a aproximação do aluno com o conteúdo da disciplina através de recursos que eles consomem. Assim, a seguir, será então apresentada uma proposta de uso desse rap consciente como estratégia de aproximação da vivência do aluno com o conteúdo da disciplina.

---

<sup>5</sup> A faixa *Boa esperança*, faz parte do álbum intitulado *Sobre crianças, quadris, pesadelos e lições de casa* (2015), o álbum é totalmente inspirado em uma viagem que o rapper fez para Cabo verde e Angola. Esse disco conta com a participação de artistas dos países africanos e em 2016 rendeu ao Emicida a indicação ao Grammy Latino na categoria melhor álbum de música urbana. *Boa Esperança* é uma faixa carregada de referências simbólicas das mais variadas áreas de conhecimento, características contidas nas composições do rapper.

<sup>6</sup> Leandro Roque de Oliveira, conhecido popularmente como Emicida, é um rapper paulistano, cantor, compositor e empresário. É considerado uma revelação do hip-hop desde a década 2000. O seu pseudônimo “Emicida” é a junção das palavras “MC” e “Homicida”, nome que recebeu após “matar” seus concorrentes nas batalhas de rapper, nas batalhas vencia quem conseguia manter as rimas por mais tempo.

## 5 REFLEXOS DA ESCRAVIZAÇÃO CANTADAS POR EMICIDA

Nesta proposta, aproprio-me da música do rapper Emicida, *Boa Esperança*, para narrar aspectos do período escravocrata no Brasil e quais são os reflexos que nossa sociedade perpetua desta época, o fator histórico aliado a outros aspectos, como o econômico, ajudam a englobar o atual problema da discriminação e desigualdade racial em nosso país. Proponho aqui um discurso metodológico acerca da música que possam orientar professores a efetivarem no currículo escolar conteúdos preconizados pela lei 10.639/003, que dispõe sobre a obrigatoriedade de inserir conteúdos sobre a história e a cultura afro-brasileira. Para o professor Waldeci Ferreira Chagas, a música pode ser uma boa escolha para este tipo de conteúdo:

Escolhemos a música, pelo fato de o repertório popular brasileiro ser rico em produções que trazem diversas representações sobre essa cultura, que podem ser trabalhadas nas aulas de História e de outras disciplinas que compõem o currículo da escola da educação básica. (CHAGAS, 2015, p.131)

Através da letra e da melodia o processo de ensino/aprendizagem pode ser conduzido de forma lúdica e abordar diversas questões sobre a história e a cultura brasileira. (CHAGAS, 2015, p.132). Além de que ela pode ser uma representação de um fato, pessoa ou evento. Diante disso, utilizo a música, *Boa Esperança* como meu recurso metodológico para construção dessa aula.

*Por mais que você corra, irmão  
Pra sua guerra vão nem se lixar  
Esse é o X da questão  
Já viu eles chorar pela cor do orixá?  
E os camburão o que são?  
Negreiros a retraficar  
Favela ainda é senzala, Jão  
Bomba relógio prestes a estourar*

*O tempero do mar foi lágrima de preto  
Papo reto, como esqueletos, de outro dialeto  
Só desafeto, vida de inseto imundo  
Indenização? Fama de vagabundo  
Nação sem teto, Angola, Ketu, Congo, Soweto  
A cor de Eto, maioria nos gueto  
Monstro sequestro, capta três, rapta  
Violência se adapta, um dia ela volta p'ocêis  
Tipo campo de concentração, prantos em vão  
Quis vida digna, estigma, indignação  
O trabalho liberta, ou não?  
C'essa frase quase que os Nazi varre judeu em extinção  
Depressão no convés  
Há quanto tempo nóiz se fode e tem que rir depois  
Pique Jackass, mistério tipo Lago Ness, sério és  
Tema da faculdade em que não pode por os pés  
Vocês sabem, eu sei  
Que até Bin Laden é made in USA  
Tempo doido onde a Waldeci (é quente memo)*

*Pode olhar num falei?  
Aí, nessa equação chata, polícia mata, plow!  
Médico salva? Não! Por que? Cor de ladrão  
Desacato invenção, maldosa intenção  
Cabulosa inversão, jornal distorção  
Meu sangue na mão dos radical cristão  
Transcendental questão, não choca opinião*



*Silêncio e cara no chão, conhece?  
 Perseguição se esquece? Tanta agressão enlouquece  
 Vence o Datena, com luto e audiência  
 Cura baixa escolaridade com auto de resistência  
 Pois na era cyber, 'cês vai ler  
 Os livro que roubou nosso passado igual Alzheimer, e vai ver  
 Que eu faço igual Burkina Faso  
 Nós quer ser dono do circo  
 Cansamos da vida de palhaço  
 É tipo Moisés e os hebreus, pés no breu  
 Onde o inimigo é quem decide quando ofendeu  
 ('Cê é loco meu)  
 No veneno igual água e sódio (vai, vai, vai, vai, vai, vai)  
 Vai vendo sem custódio  
 Aguarde cenas no próximo episódio  
 'Cês diz que nosso pau é grande  
 Espera até ver nosso ódio*

*Por mais que você corra, irmão  
 Pra sua guerra vão nem se lixar  
 Esse é o X da questão  
 Já viu eles chorar pela cor do orixá?  
 E os camburão o que são?  
 Negreiros a retraficar  
 Favela ainda é senzala, Jão  
 Bomba relógio prestes a estourar  
 (EMICIDA et al., 2015, faixa 10)*

A música, faz parte do disco *Sobre crianças, quadris, pesadelos e lições de casa*, que conta com 14 faixas, o disco é fruto de uma viagem a países africanos feito pelo cantor, para conhecer a história e a cultura daquele continente, assim como sua relação com a cultura do Brasil. O resultado é um trabalho que pontua as pluralidades e as interculturalidades, construindo canções que dialogam com a História, a literatura, o cinema, envolvidas em ritmos diversificados como o samba e a MPB, assim como a música escolhida para este trabalho, “nossa perspectiva é romper a tradicional abordagem geralmente encontradas em livros didáticos” (CHAGAS, 2015, p.133).

Na letra de *Boa Esperança*, são mantidas denúncias que marcam nossa sociedade brasileira, tais como o racismo, a violência, e a pobreza. Aspectos que delimitam a população negra no nosso país apontando características dos sofrimentos vividos pelos escravizados e de como a sociedade reage aos descendentes desse povo. Nela o poeta-cantor expressa sua total indignação com a preponderância de uma história branca, elitista e racista, que ele faz ecoar esse sentimento em sua letra, cujo o título faz referência a um dos navios negreiros que transportavam escravizados para o Brasil.

*Por mais que você corra, irmão  
 Pra sua guerra vão nem se lixar  
 Esse é o xis da questão  
 Já viu eles chorar pela cor do orixá?*

Nesses versos, o rapper faz um comentário sobre o total descaso em relação as questões raciais no Brasil, “A cor do orixá”, nos traz referências a questões de intolerância religiosa em relações as religiões de caráter africanas, que tem como explicações o racismo e a discriminação que remontam a escravidão. Desde o Brasil Colônia essas religiões são rotuladas pelo simples fato de pertencerem a matrizes africanas, como consequência até os dias atuais essas práticas religiosas são vistas de forma discriminada, esse preconceito religioso carrega consigo a tentativa de anular as crenças associadas ao povo afrodescendentes.

A escravidão se estabeleceu no Brasil por volta de 1.530, a partir do processo de colonização pelos portugueses, essa escravização ocorreu, a princípio, com os nativos, hoje denominados indígenas, e foi entre os séculos XVI e XVII que começou a ocorrer a substituição de forma gradativa de nativos pelos africanos que chegavam ao Brasil pelo tráfico negreiro. Quando Emicida canta:

*O tempero do mar foi lágrima de preto  
Papo reto, como esqueletos, de outro dialeto  
Só desafeto, vida de inseto imundo  
Indenização? Fama de vagabundo*

Neste trecho da música, ele faz menção ao sofrimento que os escravizados sofreram ao serem arrancados de sua terra natal, quando ele diz que “o tempero do mar foi lágrima de preto”, ele faz referência ao sofrimento vivido por eles e as lágrimas derramadas durante as viagens em navios negreiros, em condições desumanas em que eram obrigados a viajar. Portugal foi para o mar por motivos políticos, já os africanos perseguidos não desejavam fazer esta viagem. (EMICIDA, 2015). Quando ele diz “indenização? Fama de vagabundo” faz referência aos dias atuais, sobre a fama que restou dos negros escravizados, que ao invés de receber o que lhes foi tirado, são vistos na sociedade como vagabundos, emprestáveis, trapaceiros, lascivos e ignorantes, resquícios do período escravocrata que se repete em nossa sociedade.

*Nação sem teto, angola, ketu, congo, soweto  
A cor de Eto, maioria nos gueto  
Monstro sequestro, capta três, rapta  
Violência se adapta, um dia ela volta p'ocêis*

Aqui, o autor faz menção a Conferência de Berlim<sup>7</sup>, também conhecido como partilha da África, que foi realizada sobre a justificativa de uma missão civilizatória, o detalhe, é que não possuía nenhum país africano em sua organização. Neste cenário, o cantor faz menção a países africanos dos quais não pertenciam mais a seu povo.

*Tipo campo de concentração, prantos em vão  
Quis vida digna, estigma, indignação  
O trabalho liberta, ou não?  
C'essa frase quase que os nazi varre judeu em extinção*

Neste ponto, a comparação é da luta dos escravizados com os dos judeus, na qual ele cita a frase “O trabalho liberta” que ficou conhecida por ter sido colocada como faixa em vários campos de extermínio do regime nazista durante a segunda guerra mundial, a comparação é pelo fato do extermínio da população negra na sociedade brasileira atual ser comparada por ele com a dos judeus.

*Depressão no convés  
Há quanto tempo nóiz se fode e tem que rir depois  
Pique Jackass, mistério tipo Lago Ness, sério és  
Tema da faculdade em que não pode por os pes*

Neste trecho, a alusão é sobre o racismo que segundo o rapper muitas pessoas não acreditam ou se negam a perceber que ele existe e está entrelaçado em nossa sociedade e esses traços são devirados do processo de colonização. O cantor traz uma reflexão sobre o tipo de

---

<sup>7</sup> Inicialmente idealizada por Portugal, aconteceu entre novembro de 1984 e fevereiro de 1985, sob a liderança do chanceler alemão, Otton Von Bismack, esse evento reuniu 14 potências da época, para decidir sobre a ocupação dos países do continente africano.

vida que um descendente de escravo no Brasil leva e na frase “tema da faculdade em que não pode pôr os pés” nos remete a porcentagem da população negra que consegue alcançar o ensino superior. Ao analisarmos a letra da música podemos perceber aspectos do período da escravização no Brasil, mas também podemos fazer uma reflexão acerca da herança que nos foi deixada desse período, fazendo uma análise sobre como vive a população negra no Brasil nos dias atuais.

Além da análise da letra/poema que pode ser feita na turma, é de suma importância que se ouça a música com os alunos, pois em sua melodia também tem traços e sons que derivam de canções africanas, podendo fazer uma junção entre letra e melodia para um melhor entendimento sobre as características africanas presentes em nossa sociedade.

Outro aspecto da música que pode ser explorado também é seu videoclipe, onde Emicida escancara a luta de classes e discriminação, mostrando uma rebelião de empregados domésticos em uma mansão. O videoclipe reuni alguns atores para encenar uma rebelião de empregados negros contra seus patrões brancos. Neste cenário, também pode-se resgatar pontos da cultura africana, assim como mostrar a luta de classe existente em nossa sociedade, propondo um diálogo com a turma em relação a suas vivências, possibilitando maiores possibilidades de debates em sala de aula.

É importante observar, que a análise aqui elaborada, representa apenas uma possibilidade dentre tantas, uma vez que se trata de uma música rica e complexa em conteúdo poético e melódico. Ela permite despertar muitas outras descobertas acerca de seu significado e aprofundamento do tema proposto. Enfatizo então, que esta, foi uma construção das diversas possíveis para o uso deste RAP em uma aula de história para o Ensino Médio, com a proposta de uma aula que ultrapasse a perspectiva colóquio/expositiva que se detenha exclusivamente a conteúdos propostos, usando a música como suporte para início de discussões sobre o tema.

## 5.1 CONTRUINDO UMA AULA MUSICADA

Para (SANTOS NETO, 2015, p.29) “[...] ensinar história requer a aproximação do passado com as vivências sociais, políticas, econômicas e culturais dos nossos alunos em sala de aula”. E que “não devemos deixar de considerar o que nos trazem para a sala de aula, seus conhecimentos prévios e os gostos desses alunos”. A partir disso, proponho utilizar o RAP, como ponte entre passado e futuro, por ser uma representação cultural de longo alcance e que está inserida no cotidiano da maioria da população brasileira.

Nesta proposta é importante o planejamento e atenção dos professores nas abordagens trabalhadas optando por uma perspectiva que ultrapasse a compreensão da África e dos africanos como coadjuvantes da história da humanidade. (CHAGAS, 2015, p.133) e assim desmistificar a imagem dos Africanos como coadjuvantes da história da humanidade.

Ao explorar a música analisada anteriormente, me ative a uma possibilidade, entre diversas existentes, no uso dessa canção em sala de aula, após entender quais aspectos pretendi destacar e de que forma essa música se inseria no tema proposto. Estive atenta ao fato de como adapta-la ao universo da sala de aula, utilizando-a como já indicado anteriormente. Para isso, se faz necessária a utilização do que (SANTOS NETO,2015) chama de *planejamento*, que é um passo a passo com ações a serem desenvolvidas pelo professor ao utilizar a música, visto que

A utilização desse recurso nas aulas de história será descrita pelo que chamamos de *planejamento*, um tipo de sugestão de passo a passo, em que tentaremos discutir sobre os momentos em que a música deverá ser usada nas aulas de História. Cada planejamento será seguido de uma ação a ser desenvolvida pelo professor para utilizar a música. (SANTOS NETO, 2015, P.32)

Neste planejamento, o primeiro passo consistiu na escolha do tema proposto para ser tratado na aula. Para esta proposta o tema escolhido foi, *As relações étnico-raciais no Brasil decorrentes do processo de escravidão*. Este tema me trouxe a problematização do que queria para o desenvolvimento do conteúdo da aula, quando assim, busquei criar mais possibilidades de diálogos dentro da aula. Pronto, escolhi o tema, e nele a problematização: como se percebe o racismo na sociedade? Esse questionamento central me permitiu traçar alguns objetivos importantes para essa aula, como por exemplo, que os alunos compreendam a importância dos africanos e afrodescendentes na construção da História do Brasil, perceber que não são coadjuvantes, são protagonistas de nossa história, que apesar de massacrados pelos brancos, são resistentes, mantendo sua cultura, seus costumes, etc., e que, principalmente, valorizem suas identidades.

À partir desse tema escolhi a música que pode ser utilizada para construir esta aula, que, no caso, como já mencionada, foi o Rap *Boa Esperança* do Emicida. Ao escolher a música, se faz necessário definir qual suporte ela dará para a aula; se será introdutória, complemento, ou o principal documento, utilizando a música toda, ou apenas uma parte dela, enfim, a forma como se pretende trabalhá-la em sala de aula. Assim, o objetivo aqui é tentar fazer com que os alunos consigam responder ao problema levantado, e se identifiquem com essa problemática, e percebam e valorizem as suas identidades.

Nessa proposta, a ideia é utilizar a música como principal documento ou recurso didático e, portanto, explorar toda a canção. Iniciar a aula com a música pode ser uma ótima opção para dar elementos para envolvimento dos alunos com o tema escolhido, caracterizando-a em seu contexto. “Quando propusemos escutar a música e associamo-la ao conteúdo da aula, elas [letras] já começaram a ser percebidas, modificadas e relacionadas pelos alunos. Os sentidos começaram a ser construídos.” (SANTOS NETO, 2015, P.40). Ou seja, as letras vão sendo melhor compreendidas e se relacionam com o conteúdo, já na escuta, pois a letra e melodia não se separam. Mas isso só se torna possível com a mediação e planejamento do professor, caso contrário não terá sentido algum.

Neste processo de uso da música, ela pode ser ouvida quantas vezes for necessário dentro da aula, para que a assimilação dela com a melodia aconteça,

A ideia é que os alunos apreendam a musicalidade e a letra da música, porque a imagem auditiva da música, da letra e da canção possibilita aos alunos a imersão na mensagem proposta pela composição de modo que as possibilidades de decodificar seus significados ficam mais presentes e exercem uma função expressiva na sensibilidade dos alunos. (SANTOS NETO, 2015, p.36/37)

Assim ela adquire uma significação empírica do ritmo e de sua letra; à medida em que a música é ouvida, sentidos na vida prática são despertados.

A partir daí, a proposta é, junto à turma fazer uma leitura inicial da letra, para que eles tentem identificar o que ela está querendo nos dizer. Uma forma de provocar uma percepção/crítica da mesma, é fazer questões para os alunos como: qual sua cor/raça? Existe racismo no Brasil? Você é racista? Ou, qual o tema dessa canção? Você se identifica com algum verso dessa letra? E a partir das respostas deles começar a desenvolver o conteúdo da aula usando trechos da letra da música, de acordo com a análise realizada anteriormente, para ir pontuando junto com eles qual a visão do rapper ao usar referidos termos, e para que percebam o racismo estrutural.

Após uma análise interna da canção, é necessário ouvir a melodia junto com a letra, para que percebam as características sonoras afros, por exemplo, e que apresentem, em suas vozes lamentos de escravizados. Perceber os instrumentos e as batidas. Esse momento seria uma oportunidade para valorizarem a cultura afro-brasileira, em sua musicalidade e resistência.

Essa associação entre a letra e melodia evidenciando a questão da escravização e suas consequências para os negros, ajuda uma percepção mais crítica sobre essa expressão musical e promove uma mudança em seus olhares sobre os versos.

Ao fim, deve-se perguntar se eles concordam com a visão do autor. A ideia recorrente é que eles percebam que o processo do domínio europeu não se deu de maneira tranquila, mas que houve resistência por parte dos africanos e de que nossa cultura brasileira é constituída através de aspectos desta cultura, mostrando que não existiria Brasil sem África e sem seu povo trazido forçadamente para cá.

Essa apresentação de uma aula possível, é apenas uma síntese das várias releituras e planejamentos possíveis para uso desse rap em uma aula de história, dependendo de quais objetivos deseja alcançar durante a aula.

Ainda há outras possibilidades, como reproduzir o videoclipe dessa canção<sup>8</sup> como complemento, e questionar quais seriam as impressões que eles tiveram da rebelião que este vídeo representa, questionar se eles têm algum parentesco que trabalhe como empregado doméstico e que tenha sido alvo de alguma discriminação presente no videoclipe, com isso tem-se a ideia de que o tema retratado na aula não está tão distante de suas vivências, de suas realidades, podendo muitos dos alunos terem familiares e até mesmo eles trabalharem como domésticos.

Esta proposta, tem como uma das finalidades a aproximação de nossa cultura com a cultura africana, percebendo que uma não existiria sem a outra, também conhecer características africanas e o processo escravista pelos Europeus, mostrando a relação que os dois continentes possuíam na época da escravização, para entender que os Africanos não tiveram escolhas sobre vir ou não para o Brasil, devendo se atentar também a desmistificar a ideia que o povo africano não lutou, não resistiu ao domínio Europeu. Levando os alunos a perceberem que estão imersos na cultura africana, e a construir uma narrativa acerca do processo escravista, e que os descendentes desses povos são acudados e discriminados em nossa sociedade, mesmo sua maioria sendo descendente desses povos.

Esta proposta aqui apresentada, é apenas uma tentativa de construir uma aula dialogada mediada pela música Boa Esperança, levantando questões que associam a vida da maioria dos alunos das escolas públicas do Brasil, sendo uma sugestão pra levantar discussões acerca da percepção dos fatores que predominam sobre a população negra no Brasil e entender até que ponto esse público alvo está ciente de sua realidade, onde a população negra representa mais da metade da população Brasileira, ao mesmo tempo é o maior alvo de genocídios e discriminações.

Mas, aqui se apresenta apenas uma possibilidade metodológica, em cada lugar e momento, pode ser um diferente, “depende de cada planejamento de aula e do tipo de análise que se pretende”. (CALISSI,2015, p.66); ela é sempre uma ferramenta que possibilita diversas formas de aproveitá-la como recurso didático tendo várias possibilidades de leitura.

---

<sup>8</sup> O videoclipe gira em torno de um grupo de empregados domésticos de uma mansão, que depois de sofrer todo tipo de humilhação se rebelam contra os patrões e encorajam uma rebelião em todo país. Com direção do fotógrafo João Wainer e de Katia Lund, o roteiro nasceu do coletivo entre o cantor, os diretores e empregadas domésticas que moram na ocupação do Mauá. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=AauVal4ODbE>

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo podemos perceber que o uso do Rap, como veículo modificador das aulas tradicionais de história, possui um grande potencial, sendo usado como instrumento metodológico para aproximar o aluno ao conteúdo das aulas, tornando o ensino significativo e tendo uma construção/valorização de identidades desses jovens. O Rap por estar inserido na vivência da maioria dos jovens das escolas públicas do Brasil faz uma ponte entre passado e presente servindo como fonte histórica nas aulas de História.

O tipo de rap aqui explorado alia-se a história por várias perspectivas, questionando vários momentos do discurso dominante de poder presentes nos meios de comunicação e os canais de tv aberta. Faz a crítica à alienação social das camadas mais populares; enfim, essas músicas concedem, muitas vezes, a produção de uma crítica sociopolítica coerente e fundamentada.

Sendo mais popular entre os jovens permitem que eles se identifiquem com o estilo de vida presente nas letras e melodias e assim possam construir um pensamento crítico de sua realidade. O MC por sua vez, acaba sendo um mensageiro antes de qualquer outra coisa, antes de ser um profissional da música, ele leva conhecimento e informações através de suas rimas e poemas, e essas melodias alcançam lugares que muitas vezes não tem acessos à educação, à informação propriamente dita. Diante desse cenário o Rap se torna veículo de informação/formação muitas vezes não chega.

Por esse poder de alcance que ele tem, se torna facilitador na hora do processo de utilização dentro da sala de aula; os alunos já enturmados com o ritmo conseguem agora assimilar o que suas músicas e cantores favoritas carregam consigo, antes de um entretenimento, uma denúncia, um relato, um ato de resistência que se encaixa na experiência de vida da maioria dos jovens das escolas públicas, em sua maioria, preto, pobres e periféricos.

Nesta proposta, foi possível perceber que o uso do Rap pode atingir seu objetivo de transformar o conteúdo significativo para os alunos, usando desse recurso didático tão presente em seu cotidiano, fazendo perceber que além de entretenimento, suas músicas favoritas podem contribuir para melhorar sua visão de mundo.

Ainda, considerar o meio em que estão inseridos, e atuarem de forma significativa em seu processo de aprendizagem podendo despertar diversos sentidos a partir da música *Boa Esperança*, modificando suas visões a respeito da cultura africana e da percepção da realidade que vivem os seus descendentes na atualidade em nossa sociedade, percebendo que há uma desvalorização da cultura afro, sendo que nossa cultura descende dela.

Mostrando aqui, que é possível ensinar fatos históricos através do uso do Rap em sala de aula, segundo o professor Waldeci:

[...] cantar e ouvir música pode possibilitar o exercício de ensinar e aprender história e cultura afro-brasileira e africana. Para isso, basta que os/as professores/as estejam atentos/as às abordagens dos conteúdos narrados e cantados, visto que ele pode reforçar a ideia de inferioridade da África, dos africanos e, por extensão, das pessoas negras e suas práticas culturais no Brasil e frustrar o processo de ensino-aprendizagem, sobretudo, no que diz respeito à construção de novas interpretações acerca desses conteúdos. (CHAGAS, 2015, p.143).

É importante ressaltar que o uso da música em sala de aula só trará resultados significativos mediante a mediação do professor, que deve elaborar um planejamento e conduzir a aula estrategicamente para conseguir resultados positivos que se deseja alcançar. Para isso, é importante a formação continuada dos professores, para que eles tenham acesso a informações que possam auxiliar na construção de uma aula não tradicional e significativa para os alunos na disciplina de História.

## 7 REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, M., CASTRO M. G., & WAISELFISZ, J. J. (2015). **Juventudes na escola, sentidos e buscas: Por que frequentam?** Brasília-DF: MEC.

BARBOSA, Esdras da Silva. **Ensino de História e RAP: classe, raça e gênero como possibilidades de diálogo nas aulas de História.** 2017. 86 f. monografia (Licenciatura em História) - Universidade de Brasília, Brasília-DF, 2017.

BOOK. [S. l.: s. n.], 2019. 1 vídeo (13 min). Publicado pelo canal Emicida. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=qi5W4m2k\\_6w](https://www.youtube.com/watch?v=qi5W4m2k_6w) acesso em: 25 fev. 2022.

BOUDOUX, Adriana Silva Teles. **Música e História na sala de aula: nas trilhas de Emicida.** 2016. 11 f. Artigo (VIII encontro estadual de História) - ANPUH- Feira de Santana, 2016.

CALISSI, Luciana. Duas formas de ouvir o tempo: ensino e música canções em/para o ensino de História In: NUNES, M.V.; GUEDES, NETO, M. G. S. (orgs.) **Cantar para contar e compor: História no ensino básico.** João pessoa: IDEIA, 2015. 145p.

CHAGAS, WALDECI Ferreira. Cantando também se ensina e aprende história In: NUNES, M.V.; GUEDES, NETO, M. G. S. (orgs.) **Cantar para contar e compor: História no ensino básico.** João pessoa: IDEIA, 2015. 145p.

DAYRELL, J. T., (2002). *O jovem como sujeito social.* Trabalho apresentado na 25ª Reunião Anual da **ANPEd**. Caxambu, MG, 29 de setembro a 2 de outubro de 2002. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/25/juarezdayrellt03.rtf>>. Acesso em: 3 set. 2002.

EMICIDA. SITE CONHEÇA EMICIDA. 2013, São Paulo, disponível em: - <http://www.emicida.com.br/conheca?lang=ptbr>. acesso em 09 març. 2022

FIALHO, V.; ARALDI, J. **Fazendo rap na escola.** Música na Educação Básica. Porto Alegre, v. 1, n. 1, p. 76-82, out. 2009.

LOUREIRO, Bráulio Roberto de Castro. Arte, cultura e política na história do rap nacional. **Revista do Instituto de Estudos brasileiros**, n. 63, p. 235-241, 2016.

NAPOLITANO, Marcos. História e música. **Belo Horizonte: Autêntica**, p. 91, 2002.

NUNES, M.V.; GUEDES, NETO, M. G. S. (orgs.) **Cantar para contar e compor: História no ensino básico.** João pessoa: IDEIA, 2015. 145p.

OLIVEIRA, Leandro. **Boa Esperança.** Álbum: Sobre Crianças, Quadris, Pesadelos e Lições de Casa. 2015. Disponível em Acesso . Acesso em 25 de Abril 2020.

OLIVEIRA, Eliane Cristina Brito de. Do gangsta às minas: o rap do Distrito Federal e as masculinidades negras (1990 a 2015). 2017. 126 f., il.

SANTOS NETO, Martinho Guedes dos. De malandro a trabalhador: o Estado Novo musicado  
In: NUNES, M.V.; GUEDES, NETO, M. G. S. (orgs.) **Cantar para contar e compor:**  
História no ensino básico. João pessoa: IDEIA, 2015. 145p.

SILVA, Maria Lúcia Alves Teixeira. Ensino de história. **Revista Informação em Cultura**, v.  
3, n. 2, p. 27-46, 2021.

SOARES, Olavo Pereira. **A música nas aulas de história: o debate teórico sobre as metodologias de ensino.** Revista História Hoje, v. 6, nº 11, p. 78-99 – 2017.



## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a minha mãe, Rosângela e ao meu pai o senhor José Paulo, por sempre me mostrarem que a educação é o caminho, por todos os esforços para que tanto eu como minhas irmãs seguissem o caminho libertador da educação. Também agradeço a elas, a Samara, Paula e a Isabelly, por sempre estarem dispostas ao ouvir minhas reclamações a cerca desse processo longo e cansativo, vocês são demais, meninas.

Agradeço a mim por apesar de toda dificuldade não ter desistido, mesmo tendo pensado nisso milhares de vezes, e em meio a tantos contratempos estou aqui prestes a concluir a minha graduação e conseguir o tão sonhado diploma.

Agradeço a todos os meus professores desses cinco anos de graduação, por todo conhecimento compartilhado, pelas contribuições na construção do meu conhecimento. Vocês formaram a professora que sou hoje. Vocês foram e vão continuar sendo essenciais. O mundo precisa de vocês.

Agradeço aos meus colegas de turma, que infelizmente a pandemia nos roubou momentos especiais que ainda iamos viver juntos, mas, antes disso, vivemos momentos fantásticos, de alegria e compartilhamento de conhecimentos, vocês foram muito importante durante esse período em minha vida, a família História-2017.1 ficará para sempre em meu coração.

Na vida devemos sempre construir laços de amizades por onde passamos, isso ajuda a diminuir o fardo do processo, e por isso quero agradecer a meus amigos que a UEPB me deu, a Mara, com seu carisma e alegria, tornou meus dias mais felizes na intuição. Ao Joalisson, por ser esse cara incrível, e ser meu parceiros em tantos desafios ao longo do curso, e ter aturado meus abusos e por sempre estar disposto a me ajudar em tudo, a você agradeço muito por todo carinho. E ao meu *best* que a vida me presenteou, agradeço muito ao meu amigo Hugo, essa pessoa debochada e ao mesmo tempo carismática, que transformou minhas noites em pura diversão, obrigada por tudo meu amigo, te amo muito.

E agradeço em especial a minha amiga/prima Uilma, essa sim viveu comigo todos os perrengues que a academia pode causar, agradeço por ser minha dupla nos trabalhos, no PIBID, na Residência e no busão. Você é essencial em minha vida.

Quero agradecer também a uma pessoa muito importante em minha vida, meu namorado Bruno, por sempre me ouvir, me acompanhar e me ajudar sempre que o cansaço e o desânimo batiam, você sempre me icentivou a ser melhor, e acreditou em mim e no meu potencial, te amo.

Agradeço profundamente ao prof. Dr. João Bueno, por ter me escolhido para os projetos do PIBID e Residência Pedagógica, ter participado desses projetos me tornou uma profissional muito melhor, agradeço por compartilhar seus ensinamentos sobre a disciplina, foi incrível.

E agradeço a minha orientadora a profa. Dra. Luciana Calissi por ter me ajudado na construção desse trabalho incrível. Eu não poderia ter feito escolha melhor de orientadora, obrigada por tudo!